



### CRÓNICA DUM MORIBUNDO SENSÍVEL

Valongo do Sul, 21 de Julho de 2004.

Quem vos escreve esta crónica é um alentejano em fase terminal da sua vida que, e talvez por fazer jus à sua condição de alentejano, até teima em ser lento na morte. Chamo-me Domingos, por alcunha o Sacristão, por razões tão óbvias, que penso nem será necessário explicar-vos para perceberem porquê. Queria antes de morrer deixar escrito umas linhas sobre a minha terra, que se chama Valongo do Sul e fica situada aqui bem no Alentejo profundo, como quis um dia um Primeiro-ministro de Portugal chamar a estas terras desprezadas pelo poder central. Mas não quero falar de política porque a política que sempre me norteou foi a do trabalho e da honestidade e nos dias que correm nem um nem outra parecem andar por muito bons caminhos.

Quero, isso sim, falar-vos numa tradição que perdeu a sua importância com o passar dos tempos. Todas as terras têm uma ou mais tradições que, com o decorrer dos anos vão caindo em esquecimento. Se eu perguntar aí a qualquer catraio novo o que era a devoção da aroeira de Valongo, sabem que resposta recebo?

- Nunca ouvi falar nisso, Ti Domingos!

Nunca ouviram falar mais deviam ter ouvido. É claro que não é dos tempos deles, mas os pais ou os avós já lhes deveriam ter contado o que isso significa. Nada, ninguém quer nada a não ser olhar para o seu próprio umbigo, tratar da sua vida, e perdoem-me a expressão estarem-se nas tintas para coisas da tradição ou que se prendem até com a própria vivência das pessoas em sociedade; pessoas assim não têm sensibilidades!

É por isso que eu quero antes de morrer e se para tal tiver tempo, deixar aqui testemunho escrito quanto baste, para que não se perca de todo o que foi essa devoção, mais que tradição. Então é assim: a aroeira ainda cá existe. É o maior arbusto de Portugal. Magnífico, enorme. Agora está um pouco desprezado, como tudo actualmente: deixou de ser cuidado, de ser “podado”, encaminhado. E o que aconteceu? Cresceu em desleixo, é um emaranhado de pernadas, de ramos, de lixo. Tal e qual a sociedade actual, que me perdoem a



minha sinceridade. Uma sociedade que cresce ao Deus dará, com famílias onde a droga impera, sem sentido de responsabilidade ou respeito, não pode dar outra coisa que não seja uma sociedade desordenada num meandro de vícios que apenas conduzem à sua própria destruição. Uma sociedade com muito lixo, como a “nossa” aroeira já tem agora. Mas tempos houve em que não era assim.

Recuemos ao primeiro quartel do século passado: em 1920 por exemplo. Era usual neste Alentejo de que às vezes as secas serem de tal modo prolongadas que a falta de emprego se agudizava, aumentando mais a miséria. Que Deus me perdoe, mas até parece que Ele próprio se esquecia de nós. Então os nossos pais, vestiam as roupas mais lavadas – não as melhores porque elas eram todas iguais – e levavam a “canalha” pequena em procissão para debaixo da Aroeira. Ali se pedia a intervenção divina, debaixo dessa aroeira que agora está cheia de ramos secos, mas que antigamente permitiam a permanência simultânea de mais de cinquenta pessoas sobre a sua copa. E por muito que custe a acreditar aos menos crentes, a verdade é que algumas vezes, ao voltarmos para a aldeia, já se vinha debaixo de chuva. Milagre? Coincidência? Crendice? Não sei, nem me interessa muito, pois como referi quero apenas quero apenas deixar aqui testemunho das verdades de verdades da minha terra das quais eu sou fiel contador por às mesmas ter assistido. Se acharem que isto é próprio de um cronista mentiroso que escreve a troco de algum favor, então meus caros leitores, estou disposto a juntar o meu testemunho ao de outros idosos da minha aldeia, se necessário e se a minha saúde mo permitir.

Referi há pouco a sociedade e os seus valores. É claro que nem todos os elementos da sociedade actual são “coisas” insensíveis. Se ainda tiver tempo, antes que a morte me leve, o que duvido – estranho pressentimento este - pois desde há três dias que o doutor que era suposto vir aqui ao posto médico diariamente, cá não aparece; dizem que o governo quer cortar verbas e corta nos sítios onde as pessoas podem menos reivindicar: na saúde, onde os médicos fazem o que querem e ainda lhes sobra tempo. Quem é que vai denunciar uma falta de um médico, sabendo que se precisar de ir ao Centro de Saúde e esse médico lá estiver, que vai sofrer as consequências do seu acto? Eu por mim nunca o fiz e cá me fui aguentando até hoje, tolhido por uma doença que felizmente me deixou intacto o cérebro e a parte direita do corpo. Mas voltemos à sociedade “Valongueira” que não se diferenciando muito das outras tem um pormenor positivo: tem um casal que tem uma rara sensibilidade pela causa dos



idosos da nossa terra. A história, para que conste e para que não se perca igualmente na poeira dos tempos, vou traça-la em poucas linhas:

Valongo foi uma vila dita “progressista” de primeira apanha. Teve uma Cooperativa Agrícola (e qual foi a terra do Alentejo que não teve?) que depois passou a Cooperativa de Consumo e, como tantas outras, veio a falir. Antes do fisco entrar em acção, qual predador, conseguiram-se vender as existências e doar as instalações à junta de freguesia, mas com a cláusula expressa se fazer ali um Centro de Dia. O tempo passou, a ideia não esmoreceu e actualmente o Centro de Dia é uma realidade onde estão acolhidos cerca de trinta e cinco idosos, entre eles este vosso amigo que é o autor deste testemunho, por enquanto vivo. Mas esta obra é o resultado do querer, do empenho e da determinação de um casal que gratuitamente se tem dedicado a esta causa de alma e coração. Para que constem eis os seus nomes: Natália e Josué. Se um dia ouvirem falar que eles se “abotoaram” com algo que não era deles, afianço-vos eu, Domingos de nome e Sacristão por anexim, de que tal não corresponde à verdade.

Já consegui escrever quase tudo o que queria. Reparo como os meus “camaradas” aqui do lar me olham com uma certa curiosidade. Primeiro porque não sabem ler nem escrever – fizessem como eu que aproveitei as aulas dadas pelo Movimento das Forças Armadas para aprender a ler e a escrever – e depois porque não percebem como é possível, estando eu assim doente poder escrever ainda tanto. Mas queria deixar este testemunho da minha terra e talvez como o expiar de um remorso por não ter feito mais por ela. Estou feliz.

- Sr. Domingos, telefonaram agora do Centro de Saúde a dizer que o médico só já vem amanhã.

É a voz da Natália que me acorda desta escrita onde me embrenhei quase sem me aperceber. Doem-me os olhos. Vou descansar um pouco e assistir à tomada de posse do Secretário de Estado do novo Governo que é agora às 18 horas. Depois acabo esta crónica..... A Certidão Óbito rezava assim: Domingos Feitinha, 91 anos faleceu às 15h15m...do dia 21 de Julho de 2004.

Nota da Natália: Não assistiu à cerimónia de posse dos Secretários de Estado... por atraso do Governo. Que bem fez o Sr. Domingos em ser insensível à política, aos políticos e às politiquísses...

